



UM DIA DE QUARENTENA

CMG (Ref) Murilo Galvão

Os dias não são nada fáceis quando nos encontramos confinados em qualquer ambiente. Cada dia, um momento que seja, é diferente do anterior, porém ambos dolorosos. Hoje, por exemplo, acordei algo depressivo, pelo menos assim me diagnostiquei nas primeiras horas da manhã porque não me saía da cabeça o velho sucesso dos Titãs(*):

***“Devia ter amado mais
Ter chorado mais
Ter visto o sol nascer...”***

Ao mesmo tempo, algo me fazia contestar cada verso relembrado. Como “ter amado mais”, se mais o fiz por uma mulher que nestes meus setenta e tantos anos amei e que me fez feliz? Como “ter chorado mais”, se o fiz à exaustão nos longos oito anos de uma juventude quase toda perdida, solitária nas noites de colégios internos? “Ter visto o sol nascer”, se o vi, em seu esplendor, nas manhãs frias da Patagônia ou em um barco por aí, o acompanhei por todos os dias no Pantanal e o vi perder-se no horizonte do Vale da Lua, na Chapada dos Veadeiros, em Jericoacoara? E por que a música insistia em me acompanhar nesta mais uma manhã triste de um isolamento forçado ?

***“Querida ter aceitado
As pessoas como elas são
Cada um sabe a alegria
E a dor que traz no coração...”***

Como ter aceitado as pessoas como elas são, se ao longo destes anos de vida adulta, convivi com todos os tipos de pessoas, radicais, supersticiosos, homos e heteros, gênios e idiotas, amigos e desafetos, sem nunca haver lhes dedicado, mesmos aos mais diferentes

de mim, uma palavra, um ato preconceituoso ou um gesto hostil?

Mas, é verdade, somente cada um pode saber a alegria e a dor que traz no coração. E as minhas não são poucas ...

***“O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar...”***

Grande verdade que sempre enxerguei neste poema musical: o acaso muito me protegeu, enquanto eu andei distraído pelas estradas da vida. Sim, assim aconteceu, pois percorri mares de sul a norte, leste a oeste. Navios velhos sustentados por homens fortes e pelo acaso. Tempestades, mares pouco amistosos, mas também noites de Lua em que a saudade dos amados



era maior que a Lua cheia avistada dos passadiços solitários. Sim, porque percorri estradas largas e outras tantas de muita poeira, buracos e lama. O acaso certamente me protegeu enquanto eu andava por lá, distraído, dos Lençóis Maranhenses a Ushuaia, da Serra Catarinense e dos Pampas à *Cordillera Blanca*, no Peru. O acaso realmente me protegeu para eu estar ainda aqui, isolado e triste nesta manhã de quarentena, mas ainda vivo e com saúde, antevendo novas andanças, distraído como sempre.

***“Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr
Devia ter me importado menos
Com problemas pequenos
Ter morrido de amor “***

Verdade... por que complicamos a vida, trabalhamos tanto, nos sentimos insubstituíveis quando não somos nada, somente mais um no tabuleiro da vida? Por que me importei tanto com aqueles problemas que, hoje, já não sei quais foram? Morrido de amor? Licença poética perdoável, pois seu oposto, viver de amor, também estaria longe da realidade absoluta.

***“Querida ter aceitado
A vida como ela é
A cada um...”***

Acordei nostálgico, um tanto depressivo, mas pelo efeito de mais um dia de quarentena. É lógico que

aceitei a vida como ela é ou foi para mim. Com minhas limitações, fui em frente, sofri, ganhei, perdi, amei, algumas vezes não fui amado, mas aqui estou, feliz, aceitando a vida como ela é, a cada um cabendo o seu destino e foi este o que escolhi para mim.

Felizmente, as horas passaram e, já ao final do dia, vasculhando minha discoteca, deparo-me com o velho e saudoso Luiz Gonzaga. Os mais velhos, como eu, saberão de quem falo; para os mais novos, algum sertanejo desconhecido, do passado. E lá estava uma de suas melhores canções(**):

***“Minha vida é andar por este país
Para ver se um dia descanso feliz
Guardando as recordações
Das terras onde passei
Andando pelos sertões
E dos amigos que lá deixei”***

E foi o bastante para aquela tristeza incômoda passar e eu chegar ao final desse dia nublado e triste, em paz com o passado distante.

Sim, minha vida foi andar por este país, primeiro pelas mãos de meus pais ciganos militares, depois pelos rumos e locais que os timões de meus navios me levaram e, por fim, até onde a coragem me permitiu, pelas estradas e recantos inóspitos deste Brasil e do nosso continente.

Não sei se estou pronto para um dia descansar feliz. Alguns sonhos ainda persistem e, confesso, não muito longe de serem realizados. Conseguindo ou não, como não guardar as recordações das terras onde passei, andando pelos sertões, daqueles portos distantes, das suas noites alegres e irresponsáveis, do frio e do vento da *Carretera Austral*, do cenário inesquecível dos Lençóis, da fauna e da flora do Pantanal, dos rios amazônicos, do hula-hula havaiano, das compras na Ginza, em Tóquio, dos *free shops*, do azul das praias nordestinas, dos cafés parisienses, do artesanato do Alto do Moura, das terras mineiras, da tequila mexicana, dos pampas e canyons gaúchos e do eterno e querido Uruguai?

Pois é, fui adiante e encerrei meu dia lembrando do mestre Roberto Carlos pois, afinal, foram tantas as emoções.

Para um dia em que comecei nostálgico, neste até que terminei bem, revigorado e com muitos sonhos ainda por realizar. ■

(*) *Epitáfio*, de Sergio Britto.

(**) *A vida de viajante*, de Luiz Gonzaga.

